

**ROMANCES NO BRASIL E NO IMPÉRIO RUSSO: A PRESENÇA DE OBRAS
FICCIONAIS NO CATÁLOGO DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
(1906) E DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE ODESSA (1901-1903)**

Larissa de Assumpção¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a presença de romances em catálogos de duas bibliotecas públicas, localizadas no Brasil e no Império Russo. Por meio dessa análise, pretendeu-se compreender as semelhanças e diferenças entre as obras presentes em um mesmo período em estabelecimentos localizados em lugares distantes do mundo, mas conectados por um mesmo contexto de circulação de impressos. Para isso, foram utilizados a lista de romances existentes em um catálogo do Gabinete Português de Leitura, publicado no ano de 1906, e um catálogo da Biblioteca Pública de Odessa, publicado em dois tomos, sendo o primeiro datado de 1901 e o segundo de 1903. Dessa listagem, foram destacados alguns dados – como a língua de edição das obras e os autores e obras mais presentes nos estabelecimentos –, que serviram como base para a comparação dos acervos. Após a análise, conclui-se que as bibliotecas apresentavam algumas diferenças, como a grande presença de obras escritas em russo e provenientes do Império Russo na biblioteca de Odessa, e a existências de livros em português na biblioteca do Brasil. No entanto, os catálogos também possuíam algumas semelhanças entre si, entre as quais se destacam a grande presença dos mesmos autores e obras francesas que fizeram grande sucesso de público no período, bem como o destaque da língua francesa como língua de tradução e de edição das obras ficcionais. Concluiu-se, assim, que, apesar da distância geográfica entre o Rio de Janeiro e Odessa, as duas cidades faziam parte de um mesmo cenário de circulação de impressos no século XIX.

Palavras-chave: Brasil. Império Russo. Biblioteca. Romance. Século XIX.

Abstract: This work aims to analyze the presence of novels in catalogs of two public libraries, located in Brazil and Russia. Through this analysis, it was possible to understand the similarities and differences between the novels present in the same period in libraries located in distant places of the world, but connected by the same context of circulation of books. The sources of this research were the catalog of the Portuguese Reading Office, published in 1906, and a catalog of the Odessa Public Library, published in two volumes, in 1901 and 1903. The data used as a basis for comparing the collections were the language of the books and the authors and titles that were most present in the libraries. After the analysis, it was concluded that the establishments presented some differences, such as the presence of works written in Russian and coming from the Russian Empire in the library of Odessa, and the existence of works in Portuguese in the library of Brazil. However, the catalogs also had some similarities among them, such as the great presence of the same authors and French works that made great success of public in the period, as well as the prominence of the French language as a language of translation and edition of the fictional works. It was concluded that, despite the geographic distance between Rio de Janeiro and Odessa, the two cities were part of the same scenario of circulation of novels in the nineteenth century.

Keywords: Brazil. Russia. Library. Novel. Nineteenth Century.

¹ Mestra em Teoria e História Literária, Unicamp, e-mail: larissadeassumpcao@gmail.com. Bolsista FAPESP (2016/06129-3).

Os catálogos de bibliotecas públicas e particulares vêm sendo utilizados dentro das pesquisas voltadas à História da Literatura como fonte de indícios sobre o contexto em que determinadas obras e autores circularam em um período específico e sobre os livros que os leitores tinham à sua disposição quando frequentavam esse tipo de estabelecimento. Roger Chartier, em seu texto “História e Literatura”, menciona a importância desse tipo de estudo, que contribui para que se pense o contexto e a materialidade da obra, reconhecendo que “nem as inteligências nem as ideias são descarnadas e (...) que as categorias dadas como invariantes, quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”².

Por isso, a pesquisa em catálogos de bibliotecas públicas e privadas, assim como em outras fontes primárias, colabora para a compreensão de como foi a recepção e circulação das obras em um período específico. Além disso, dados extraídos da quantificação de autores, títulos, línguas e locais de edição mais presentes nos acervos podem revelar informações sobre importação e exportação de obras em diferentes países no século XIX. Como exemplo de estudos que utilizaram catálogos de bibliotecas públicas como fontes primárias, é possível citar o trabalho de Nelson Shapochnik³, que estudou a composição de acervos de gabinetes de leituras e bibliotecas do Rio de Janeiro no século XIX, e a tese de Alexandre Paixão⁴, que utilizou os catálogos de 1858 e 1868 do Gabinete de Leitura para obter indícios sobre a circulação das obras de Alexandre Dumas entre o público carioca do período.

Tendo como base essa linha de pesquisa, o presente trabalho tem por objetivo analisar a presença de obras ficcionais em acervos de duas bibliotecas públicas, localizadas no Brasil e no Império Russo: a Biblioteca Pública de Odessa e o Gabinete Português de Leitura. O interesse especial por obras ficcionais – denominação que engloba romances, contos e novelas – se dá devido ao grande sucesso desse gênero literário ao longo do século XIX, que poderia ser obtido de diversas formas pelos leitores do período, como por meio dos folhetins, publicados nos jornais, em livrarias, bibliotecas, gabinetes de leitura e leilões. Sabe-se, assim, que, apesar de terem sido mal recebidas pela crítica literária do final do século XVIII e início do século XIX – que apresentava uma opinião negativa sobre elas por não fazerem parte das poéticas

² CHARTIER, Roger. História e Literatura. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: A História, entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

³ SCHAPOCHNIK, Nelson. Os jardins das delícias: *Gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de Doutor em História. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo, 1999.

⁴ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

clássicas, tratarem de situações cotidianas e consideradas imorais e representarem, por isso, um perigo para os leitores –, as obras de ficção atingiram um público amplo do período e circularam entre diferentes países⁵. Como veremos mais adiante, essa grande difusão permitiu que os mesmos títulos chegassem a locais geograficamente distantes e com diferenças culturais entre si.

Além de serem separadas por uma grande distância geográfica, as cidades de Odessa e do Rio de Janeiro também têm uma história bastante diferente. Odessa, município que hoje faz parte da Ucrânia, era, na época em que o catálogo estudado foi publicado, parte do extenso Império Russo. Sua fundação se deu em 1794, por influência da imperatriz Catarina II, que desejava que o local se tornasse um grande centro de comércio e tivesse um dos maiores portos da região⁶. Com o tempo, a cidade realmente cresceu, atraiu diversos comerciantes e se tornou a quarta maior cidade do império russo, atrás apenas de São Petersburgo, Moscou e Varsóvia⁷. O grande número de estrangeiros na cidade permitiu que diversas línguas convivessem nesse espaço. Em 1892, quando a população da cidade era de 338.690 habitantes, apenas 58% tinham o russo como língua materna, enquanto 31% tinham o ídiche, 3.8% o polonês, 1.6% o alemão e 1,56% o grego⁸. Esse grande número de estrangeiros poderia frequentar a Biblioteca de Odessa, que era aberta ao público e que possuía um acervo bastante diversificado no que se refere às línguas de edição.

É importante citar, também, que esse estabelecimento foi a primeira biblioteca pública da cidade, e foi fundada em 1830, com o objetivo de suprir as necessidades do sistema educacional⁹. Ela foi criada em um período em que o Império Russo buscava construir a ideia de nação e valorizar a produção intelectual nacional o que, como será visto mais adiante, influenciou na composição do seu acervo. Não foram encontradas informações precisas sobre o público leitor dessa biblioteca. Sabe-se, no entanto, que, em 1897, segundo dados do censo realizado na cidade, 57.87% da população eram alfabetizados¹⁰, o que correspondia a 233.687 pessoas que, por saberem ler, poderiam frequentar a biblioteca.

O município do Rio de Janeiro, onde se localiza o Gabinete Português de Leitura, passou por uma trajetória bastante diferente. A origem deste município se deu em 1565, pelas

⁵ ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>. Acesso em 04 de janeiro de 2019.

⁶ HERLIHY, Patricia. *Odessa: A History (1794-1914)*. Cambridge: Harvard University Press, 1986. p.7

⁷ *Idem, ibidem*.

⁸ *Idem*, pp. 241-242.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Idem*, p. 243.

mãos de Estácio de Sá, em uma região próxima a aldeias indígenas e onde atuavam muitos jesuítas¹¹. Com o tempo, a cidade, assim como Odessa, se expandiu bastante, e passou a funcionar como local de importação e exportação de diferentes produtos, tendo se tornado capital da colônia em 1763¹². O desenvolvimento do Rio de Janeiro evolui muito após 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa e a consequente reforma de prédios e fundação de locais como a Imprensa Régia, o Real Jardim Botânico, a Real Biblioteca e o Museu Real. Nesse período e ao longo de todo o século XIX, a cidade atraiu, assim como Odessa, diversos imigrantes. Segundo Sidney Chalhoub, em 1890 o Rio de Janeiro contava com 155.202 imigrantes, que formavam cerca de 28% da população da cidade¹³.

O Gabinete Português de Leitura foi fundado em 1837, data próxima à da construção da Biblioteca de Odessa. No entanto, seu objetivo principal era bastante diferente: o estabelecimento pretendia funcionar como uma forma de manter a memória da cultura portuguesa no Brasil e servir como um espaço de sociabilidade para os lusitanos residentes no país¹⁴. No entanto, seu acervo era aberto a qualquer pessoa que pagasse a subscrição de 12\$ réis anuais, o que permitia que ele fosse frequentado também por brasileiros e outros estrangeiros. Sobre a taxa de alfabetização do Rio de Janeiro do período, sabe-se que, segundo o censo realizado em 1906, esta correspondia a 51.9%¹⁵, porcentagem parecida com a da cidade de Odessa. No entanto, devido ao fato de a cidade brasileira possuir muito mais habitantes do que o Império Russo (tendo cerca de 811.443 pessoas no período¹⁶), esse número corresponde a 421.072 pessoas alfabetizadas, que poderiam frequentar as bibliotecas do município.

Com base nos dados expostos acima, nota-se que as cidades apresentavam semelhanças, como o grande número de imigrantes, o crescimento ao longo do século XIX e o índice de alfabetização, e também diferenças, como as línguas faladas em cada uma das cidades e o objetivo principal das bibliotecas que serão analisadas. Essas características se refletem nos catálogos da Biblioteca de Odessa e do Gabinete Português de Leitura que, apesar de mostrarem que as duas cidades estavam inseridas em um mesmo contexto de circulação de impressos, também se diferenciam em alguns aspectos.

Uma das diferenças entre os acervos das bibliotecas é a quantidade de obras ficcionais presentes nos catálogos de cada uma delas. O catálogo da biblioteca russa, publicado nos anos

¹¹ ENDERS, Armelle. *A História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus editora, 2015.

¹² *Idem*.

¹³ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Recenseamento do Rio de Janeiro (distrito federal)*. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1907. p. 13. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49678.pdf>. Acesso em 01 out. 2018.

¹⁶ *Idem*.

de 1901 e 1903, conta com um total de 3.726 livros, dos quais cerca de 2.174 (58,3%) são de ficção. Já o acervo do Gabinete Português, que contava com cerca de 32.000 (e mais de 64.000 volumes) em 1889¹⁷, possui, em seu catálogo, 5.841 títulos na seção intitulada “Romance. Contos. Novellas”, o que indica que cerca de 18% do seu acervo era formado por obras de ficção. Nota-se que, apesar de a porcentagem de romances na biblioteca portuguesa ser menor do que na de Odessa, a quantidade de títulos que se encaixa nesta categoria é maior, devido ao tamanho do seu acervo. De qualquer maneira, ambas as bibliotecas possuíam um número significativo de prosa ficcional, que estava disponível para a leitura dos seus frequentadores.

Outro ponto que deve ser levado em consideração na comparação dos catálogos são as línguas de edição que mais se destacam em cada um dos acervos, e que podem ser visualizadas nos gráficos abaixo:

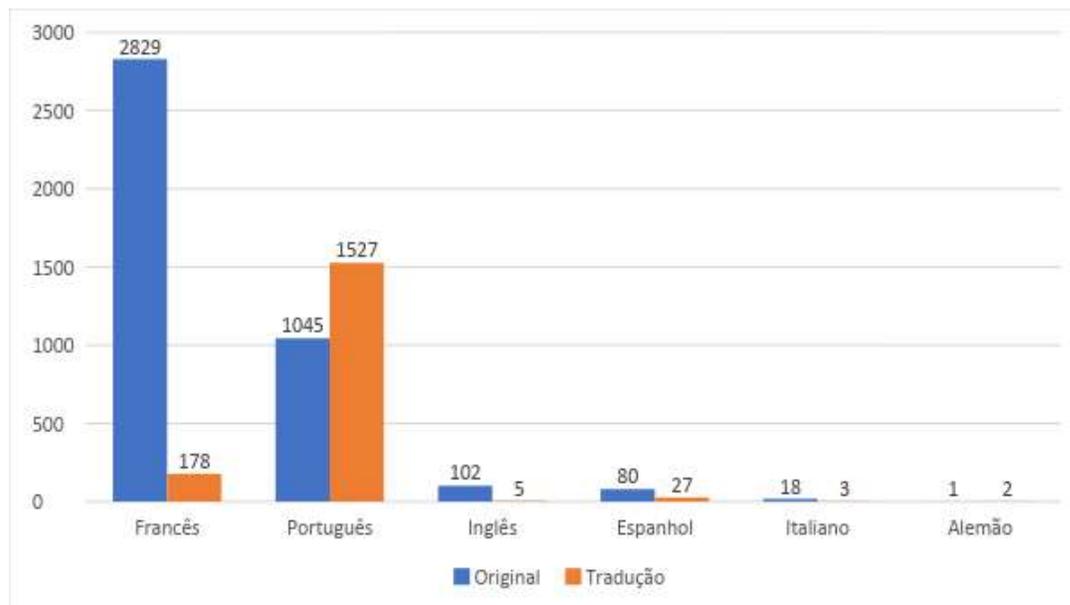


Gráfico 1: Línguas de edição das obras ficcionais do Gabinete Português de Leitura

¹⁷ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1889, p. 1613.

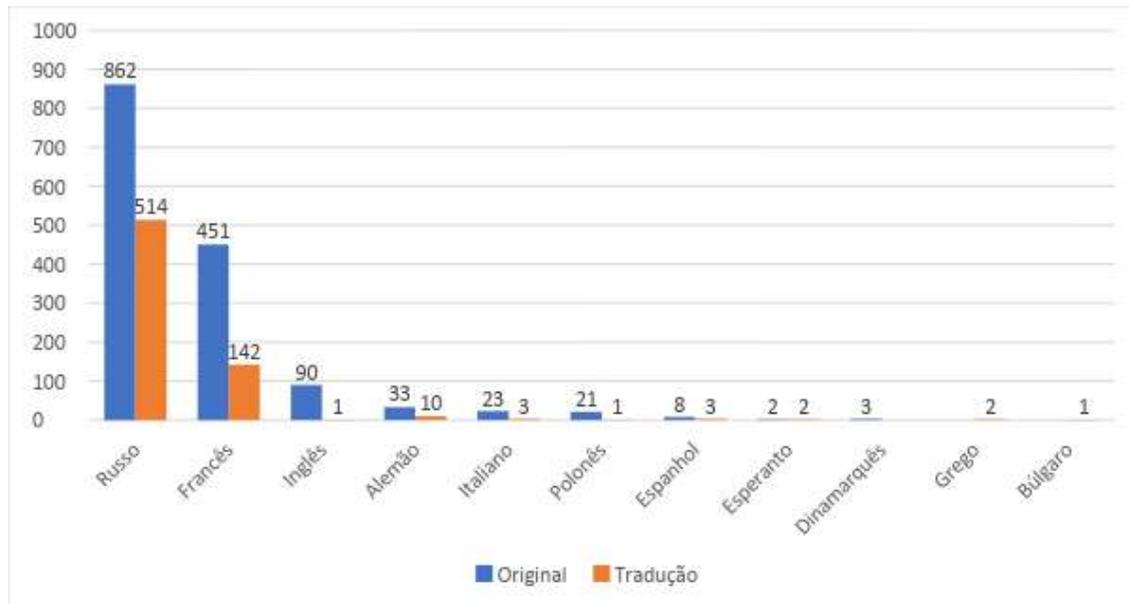


Gráfico 2: Línguas de edição dos romances da Biblioteca Pública de Odessa

Pode-se notar, com base nos gráficos, que uma das diferenças entre as duas bibliotecas é a variedade de línguas presentes em cada um dos acervos. Na biblioteca russa, as línguas de edição dos livros são muito mais variadas e incluem línguas pouco faladas no Brasil do período, como o búlgaro, o polonês e o grego. Essa variedade pode ser explicada pelo grande número de imigrantes que tinham essas línguas como maternas e que se mudaram para essa cidade ao longo dos séculos XVIII e XIX. Destaca-se também, na biblioteca russa, a presença do Esperanto, língua artificial criada dentro por Lázaro Zamenhof, com o objetivo de se tornar uma linguagem universal. O primeiro livro sobre o esperanto foi publicado em 1887, em russo, na cidade de Varsóvia¹⁸. A existência dessas línguas no acervo mostra que, por mais que fizessem parte de um mercado de circulação de impressos, os acervos das bibliotecas mantêm características relacionadas ao local em que elas foram formadas e ao seu público leitor.

Não é possível deixar de mencionar a presença do russo, que é a língua de edição de 63,2% das obras na biblioteca de Odessa. Para compreender essa predominância, é preciso levar em consideração que esse estabelecimento foi criado em um momento de valorização da cultura nacional do Império Russo. Nesse período, segundo Orlando Figes, “a energia artística do país foi quase inteiramente dedicada à busca da compreensão da ideia da sua nacionalidade”¹⁹, o que torna compreensível a grande produção de romances russos e a sua aparição nessa

¹⁸ Ver: KISELMAN, Christer. Esperanto: Its Origins and early history. *Prace Komisji Spraw Europejskich PAU*. Cracóvia: Polska Akademia Umiejetnosci, 2008.

¹⁹ FIGES, Orlando. *Uma História cultural da Rússia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Record, 2017. p. 21

biblioteca pública. No entanto, esse conjunto de obras em russo também contém títulos de romances que foram traduzidos para o russo, mas que originalmente foram escritos em francês (102 obras), inglês (75), alemão (25), italiano (11) e espanhol (06). Esses dados mostram que o público leitor russo estava inserido em um contexto internacional de circulação de impressos, e que entrava em contato com romances estrangeiros, tanto em língua original, quanto traduzidos para o russo.

No Gabinete Português de leitura, a variedade de línguas é menor, tendo obras editadas em francês, português, inglês, espanhol, italiano e alemão. A presença dessas quatro últimas línguas se justifica pelo grande número de pessoas com nacionalidades estrangeiras no país, que chegavam a compor 30% da população em 1890²⁰. As obras em português correspondem a 44% do total, mas são, em sua maioria, frutos de traduções de romances escritos originalmente em outras línguas, como o francês (como ocorre em 1189 dos casos), o espanhol (língua original de 141 das obras em português), o inglês (em que foram escritos 141 desses livros), o alemão (29 obras) e o italiano (28).

O francês é uma língua que se destaca tanto no catálogo do Gabinete Português quanto no da biblioteca russa. Na biblioteca localizada no Brasil, essa foi a língua de edição de 44% das obras, sendo mais presente do que o português, apesar de o objetivo principal desse estabelecimento ser a preservação da cultura lusitana em território brasileiro. Esse fato se deve, provavelmente, à grande predominância da França como um centro de produção e exportação de romances no século XIX. Além disso, Alexandre Paixão afirma que, apesar de esse estabelecimento ter como objetivo o fortalecimento da cultura portuguesa, os seus leitores apreciavam os romances vindos da França, e esse gosto pela cultura francesa acabou predominando na construção do acervo dessa biblioteca²¹ que, como já mencionado anteriormente, dependia do dinheiro da subscrição de seus associados para se manter funcionando.

No que se refere ao Império Russo, a língua francesa também tinha destaque no país como língua de cultura. Em seu livro *A República Mundial das Letras*, Pascale Casanova explica a importância da França para a produção literária do período oitocentista e cita, também, como essa influência da língua francesa chegou até o Império Russo, principalmente nos meios aristocráticos, em que representava “uma espécie de segunda língua de conversa e da ‘civildade’”²². Aparentemente, o conhecimento da língua francesa também se estendia a outros

²⁰ CHALHOUB, Sidney. *Op. cit.*

²¹ PAIXÃO, Alexandre. “O Gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”. In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

²² CASANOVA, Pascale. *A República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 92

estratos da sociedade, o que tornava a leitura de romances em francês possível para o público que frequentava a biblioteca de Odessa. De qualquer maneira, a grande presença da língua francesa em ambas as bibliotecas mostra como ela era importante como língua de tradução e produção de romances tanto no continente americano quanto no Leste Europeu. Além disso, pode-se perceber que, apesar de as histórias literárias normalmente serem divididas de acordo com a produção nacional dos países, os leitores do Brasil e do Império Russo estavam em contato com livros escritos em línguas diferentes de sua língua materna, e que retratavam ambientes e culturas diferentes daquelas às quais eles estavam acostumados.

Não é possível deixar de notar, ainda, o quanto a ideia de centro e periferia pode ser discutida a partir dos dados sobre as línguas presentes nas bibliotecas. Segundo Pascale Casanova, Paris seria a “capital do universo literário, a cidade dotada de maior prestígio literário do mundo”²³ nos séculos XVIII e XIX. Nesse contexto, a capital francesa seria o centro desse mundo da literatura, e os demais países, como o Império Russo e o Brasil, pertencentes à periferia, seriam “definidos e delimitados de acordo com sua distância estética do espaço de ‘fabricação’ e consagração da literatura”²⁴. A língua francesa também desenhou, segundo Casanova, um importante papel nesse universo literário: “o francês impõe-se a todos sem o concurso de nenhuma autoridade política, como a língua de todos, para todos, a serviço de todos, a língua da civilidade e da conversa refinada, cuja ‘jurisdição’ tende-se a toda a Europa”²⁵.

Essa influência da “República Mundial das Letras” explicaria a grande quantidade de livros em francês e de romancistas franceses – como será exposto mais adiante – nos acervos. Afinal, o Império do Brasil e da Rússia, apesar de se localizarem em locais distantes geograficamente, se inseriam em um mesmo contexto de produção e circulação de romances, no qual a França exercia um papel muito importante. No entanto, não é possível deixar de notar que esses dois locais periféricos, apesar de, assim como outros países do mundo ocidental do período, receberem a influência da França e da língua francesa, também possuíam certa autonomia ao construir seus acervos de acordo com a cultura local e o ambiente em que as bibliotecas se encontravam. Isso explicaria o grande número de obras em português, no Gabinete Português, e de livros russos em Odessa.

Dentro do Império Russo, essa valorização da língua nacional pode ser explicada pelo repúdio que a cultura francesa sofreu após a Revolução Francesa e a invasão de Napoleão. Durante a maior parte do século XVIII, esse Império se baseou muito em seus costumes e

²³ *Idem*, p. 40

²⁴ *Idem ibidem*.

²⁵ *Idem*, pp. 92 e 93

educação na cultura europeia, e a aristocracia utilizava majoritariamente o francês para se comunicar entre si²⁶. Entretanto, essa relação com o França se alterou após a Revolução de 1789, quando “o reinado jacobino do terror solapou a crença da Rússia na Europa como força de progresso e esclarecimento”²⁷. Além disso, após a invasão da Rússia por Napoleão, em 1812, surgiu a necessidade de resgatar a cultura popular e criar uma ideia de nação, para que os homens quisessem se unir para combater o inimigo em comum. Esse processo também influenciou o desejo dos escritores de produzir uma literatura russa, e fez com que o russo passasse a ter mais importância ao longo do século XIX. Quando a Biblioteca de Odessa foi fundada, em 1830, esse renascimento cultural do Império Russo continuava em andamento, o que pode explicar a grande quantidade de romances russos no catálogo, que podem ter sido adquiridos para compor o catálogo dessa biblioteca justamente para valorizar a literatura e a cultura nacional.

No que se refere ao Gabinete, este foi, como já mencionado anteriormente, fundado com o objetivo de ser um espaço de sociabilidade para os portugueses e valorizar essa cultura em solo brasileiro. A necessidade de formar um espaço que valorizasse a literatura de Portugal muito provavelmente influenciou a compra de livros em língua portuguesa. Além disso, segundo Alexandre Paixão, muitos dos acionistas que colaboraram para o funcionamento do gabinete se interessavam por romances que estivessem em “língua pátria”²⁸. Ademais, a Ata da Assembleia Geral, realizada em 1837, mesmo ano de fundação do estabelecimento, revela que a diretoria daria prioridade, na formação do acervo, a obras portuguesas²⁹. No entanto, o fato de esse estabelecimento se manter funcionando devido aos valores pagos nas subscrições também tornava necessário agradar ao gosto do público formado principalmente por pequenos comerciantes³⁰, e que desejava ler romances franceses, ainda que em traduções para o português.

Esses dados mostram que as bibliotecas públicas no século XIX, por mais que sofressem influência da cultura, literatura e língua francesas, também possuíam liberdade para formar seus acervos de acordo com o objetivo que estivessem buscando e com o desejo do seu público leitor. Também é interessante notar que, por mais que os ambientes em que as

²⁶ FIGES, Orlando. *Uma História cultural da Rússia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Record, 2017. p. 53

²⁷ *Idem*, p.60

²⁸ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 99.

²⁹ PAIXÃO, Alexandre. “O Gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”. In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em Movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

³⁰ *Idem*, p. 258.

bibliotecas se encontravam fossem multiculturais e compostos por muitos imigrantes, como era o caso do Rio de Janeiro e Odessa, a composição do acervo atendia aos desejos de seus dirigentes e ao objetivo do estabelecimento dentro dos planos de valorização nacional que estavam em andamento no século XIX.

Apesar dessa influência, o grande destaque da França e a presença de obras de outros países estrangeiros nos acervos são inegáveis, e essa diversidade se reflete também nos dados sobre os autores mais presentes neles e que podem ser visualizados nas tabelas a seguir:

| Nome | Número de Obras |
|------------------------------------|------------------------|
| Alexandre Dumas | 240 (4,1%) |
| Paul de Kock | 152 (2,6%) |
| Xavier de Montépin | 134 (2,3%) |
| Camilo Castelo Branco | 106 (1,8%) |
| Pierre Alexis de Ponson du Terrail | 103 (1,8%) |
| Paul Féval | 99 (1,7%) |
| Eugène Sue | 85 (1,4%) |
| Jules Verne | 67 (1,14%) |
| Émile Zola | 63 (1,08%) |
| Enrique Pérez Escrich | 51 (0,9%) |
| Frédéric Soulié | 51 (0,9%) |
| George Sand | 51 (0,9%) |

Tabela 1: Autores mais presentes no Gabinete Português de Leitura

| Nome | Número de obras |
|----------------------|------------------------|
| Walter Scott | 61 (2,8%) |
| Charles Dickens | 45 (2,06%) |
| Alexandre Dumas | 28 (1,28%) |
| George Sand | 26 (1,19%) |
| Émile Zola | 26 (1,19%) |
| Victor Hugo | 24 (1,1%) |
| Liev Tolstói | 22 (1,1%) |
| Alphonse Daudet | 19 (0,9%) |
| Edward Bulwer Lytton | 18 (0,8%) |

| | |
|----------------|-----------|
| Paul de Kock | 18 (0,8%) |
| M. E. Saltykov | 16 (0.7%) |

Tabela 2: Autores mais presentes na Biblioteca Pública de Odessa

Observando as tabelas, é possível destacar algumas diferenças entre elas, como a presença de autores russos somente na biblioteca de Odessa, e destaque do português Camilo Castello Branco na biblioteca do Brasil. Esses dados, assim como a presença de línguas ligadas ao Império Brasileiro somente na biblioteca do Brasil e de línguas comuns entre os imigrantes de Odessa na biblioteca do Império Russo, confirmam a afirmação já realizada de que o local onde um acervo é formado influencia em quais autores e obras ele possuirá. Outra diferença entre os acervos é o fato de o Gabinete Português de Leitura conter um número maior de escritores que fizeram grande sucesso de público, principalmente devido à publicação de romances em folhetim. Esse é o caso de Alexandre Dumas, Paul de Kock, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail e Eugène Sue. Essa predominância pode ter relação com o gosto do público leitor do período, do qual o estabelecimento dependia para manter as subscrições. Além disso, esses dados demonstram a importância dos romances em folhetim, surgidos em 1836, que atingiram e agradaram leitores de todo o mundo e modificaram alguns dos critérios utilizados para julgar um romance como sendo bom ou ruim³¹. A Biblioteca de Odessa, por ser pública e gratuita, não precisava se preocupar em adquirir aquilo que agradasse ao público leitor, e talvez por isso seu acervo conte com autores que, apesar de também terem feito sucesso de público, eram considerados mais clássicos e valorizados pelos críticos e letrados do período, como é o caso de Walter Scott, Charles Dickens e George Sand.

As tabelas acima também mostram diversas semelhanças entre os acervos das bibliotecas. Entre elas, destaca-se a presença de autores franceses, o que mais uma vez mostra como os leitores do Brasil e do Império Russo tinham à sua disposição obras provenientes da França. Destaca-se também a presença de autores presentes nas duas bibliotecas, como é Alexandre Dumas, Paul de Kock, Émile Zola e George Sand, que fizeram grande sucesso no século XIX e são citados em muitas pesquisas sobre a circulação de romances neste período³². A grande relevância desses autores em estudos realizados com diferentes fontes primárias de

³¹ Para saber mais sobre a importância do folhetim e como ele mudou a forma de escrever e ler romances, ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³² Ver, por exemplo, os estudos presentes em ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

diversos países mostra o quanto o Império Russo e o Brasil estavam inseridos em um cenário transatlântico de circulação de ideias, livros e autores.

O contato com a cultura francesa e com romances estrangeiros em geral também pode ser observado quando se verifica a lista de títulos de obras ficcionais nos estabelecimentos. Apesar de o Gabinete Português de Leitura não possuir nenhum romance escrito originalmente em russo e a Biblioteca de Odessa não contar com romances publicados em português, as duas bibliotecas possuem 387 títulos em comum. Grande parte desses títulos é de autores franceses: as duas bibliotecas têm os mesmos 19 títulos de Alexandre Dumas, 13 de Paul de Kock, 12 de Émile Zola, sete de George Sand e um de Paul Féval, Xavier de Montépin e Frédéric Soulié. Há casos, inclusive, em que os acervos contam não apenas com o mesmo título, mas com a mesma edição de um determinado romance, que foi produzida normalmente em território francês e importada para o Império Russo e Brasileiro. Esse é o caso, por exemplo, dos romances *Le Pavé d'Amour*, de Jean Aicard, presente em ambas as bibliotecas em uma edição de Paris, datada de 1892, *Candidat!*, de Jules Claretie, editada em Paris, em 1887, *Pierre et Jean*, de Guy de Maupassant, publicada em 1888, em Paris, e uma tradução do romance *The Professor*, de Charlotte Brontë, para o francês, publicada em 1858. Essas informações são mais um indício de que a França funcionava como um elo entre diferentes países no século XIX e permitia que um leitor russo e um brasileiro lessem os mesmos títulos, em um mesmo período.

As bibliotecas também se assemelham no que se refere aos títulos que mais se destacam. Apesar do sucesso que as obras ficcionais originalmente escritas em folhetim fizeram no Império Russo e no Brasil, são os romances publicados originalmente antes do século XIX os que estão presentes em mais edições nos estabelecimentos. Como exemplo, é possível citar *Paul et Virginie*, de Bernadin de Saint-Pierre, escrito em 1787. A presença desse romance em várias edições nos dois acervos pode ser justificada pelo seu grande sucesso tanto de crítica quanto de público ao longo do século XIX. No Brasil, por exemplo, esse livro foi um dos primeiros a serem impressos pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro³³, e também era um dos mais pedidos à Censura portuguesa no entre 1808 e 1822³⁴. No Gabinete, ele está presente em quatro edições, duas delas em inglês (sendo uma sem informações sobre a publicação e a outra editada em 1839), uma em português, de 1838, e uma em espanhol, de 1851, e o mesmo acontece na biblioteca de Odessa, que conta com duas edições em russo (sendo apenas uma delas datada, com o ano de 1892) e duas em francês, sendo uma não datada e a outra de 1843.

³³ ABREU, Márcia *et al.* *Op. cit.*

³⁴ ABREU, Márcia. Conectados pela Ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O Eixo e a Roda*. V. 22, n.1, 2013.

Outros títulos que se destacam nas bibliotecas são *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes e *Il Decamerone*, de Giovanni Boccaccio. *Les Aventures de Télémaque*, assim como *Paul et Virginie*, fez um sucesso enorme tanto entre os letrados quanto entre o público leitor. Sua primeira edição é de 1699 e, ao longo dos anos, ele teve diferentes edições, publicadas em diversas partes do mundo. No Gabinete Português, ele aparece em seis exemplares diferentes, publicados entre 1785 e 1882 em francês (4), inglês (1) e português (1). A biblioteca de Odessa tem 10 edições da obra, todas editadas entre 1713 e 1832, das quais sete estão em francês, uma em russo e uma em espanhol. Um dos fatores que pode ter colaborado para a grande difusão do romance foi o seu uso didático, para o ensino do francês. Além disso, seu conteúdo era considerado altamente moralizante, o que era visto como algo positivo para a educação. No Brasil, o livro de Fénelon foi utilizado, ainda, em concursos públicos para professores de francês ao longo da década de 1830³⁵.

A obra *Dom Quixote*, publicada pela primeira vez em 1605, é a que mais se destaca nos acervos. O Gabinete Português de Leitura tem 18 edições desse livro, sendo a mais antiga de 1662 e a mais recente de 1905. Dessas versões, dez estão na língua original espanhola, três estão em francês e cinco estão em português. Em Odessa, há nove edições, sendo quatro em francês, duas em espanhol, duas em russo e uma em alemão, todas publicadas entre 1797 e 1869. Já no que se refere a *Il Decamerone*, obra bastante antiga e publicada originalmente em 1353, é possível encontrar dez de suas edições no acervo russo, sendo cinco em italiano, duas em russo, duas em alemão e duas em francês. No gabinete, há seis edições, quatro em italiano, uma em português e uma em francês.

Nota-se, a partir dos dados sobre os títulos que aparecem mais de uma vez nos catálogos, que algumas obras, por mais que tenham sido originalmente publicadas em séculos anteriores ao período em que as bibliotecas foram criadas, continuam a ser publicadas em diferentes lugares do mundo e traduzidas para diversas línguas. Isso sugere que esses títulos continuavam a atrair o interesse dos leitores muitos anos após terem sido escritores e circularem pela primeira vez, o que se opõe a uma visão normalmente difundida pelas histórias literárias. Afinal, é comum que essas publicações retratem a história da literatura de um país em ordem cronológica, pautada muitas vezes nas mudanças estéticas ou em acontecimentos históricos específicos³⁶. Isso faz com que elas desconsiderem o que era efetivamente lido pelos leitores e

³⁵ SILVA, Rita Cristina Lima Lages e. As Práticas de ensino da língua francesa em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. In: VAGO, Tarcísio Mauro & OLIVEIRA, Bernardo Jefferson (org.). *Histórias de Práticas Educativas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

³⁶ Ver: ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretação de Romances. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, v. 16, n. 2, pp. 39-52, 2014.

que poderia incluir obras muito antigas e que não foram produzidos em sua terra natal ou língua materna.

Além disso, os exemplos citados acima são o suficiente para mostrar que o acervo de bibliotecas públicas no século XIX, mesmo que pertencentes a locais distantes e com diferenças histórias e culturais, continham um grande número de obras estrangeiras, tanto no que se refere à língua de publicação quanto à origem do livro ou autor. Além disso, os dois catálogos têm em comum a convivência de livros antigos e modernos, publicados em diferentes línguas e períodos e por diferentes autores, e que parecem coincidir entre si. Essa semelhança indica que as cidades Odessa e Rio de Janeiro, por mais que fossem diferentes em vários aspectos, estavam unidas pela circulação transatlântica de romances do período, que permitia que os leitores desses dois países criassem um repertório comum de leitura e pudessem ler a mesma obra, no mesmo período, ao mesmo tempo.